

D. António José de Sousa Barroso,

um missionário dos três continentes

António Júlio Limpo Trigueiros, sj

“Deve o missionário africano ser padre e artista, pai e mestre, doutor e homem da terra; deve tão depressa tomar a estola, como empunhar a picareta para arrotear uma courela; deve tão depressa fazer uma homilia, como pensar a mão escangalhada pela explosão duma espingarda traiçoeira”¹.

Com estas palavras tenta traçar o então Padre António Barroso, o perfil do missionário africano, numa célebre conferência proferida a 7 de Março de 1889, na Sociedade de Geografia de Lisboa, intitulada *“O Congo seu passado, seu presente e seu futuro”*, que mais parecem ser as palavras de um auto-retrato.

Quem foi este homem nascido num pitoresco e bucólico recanto do Minho e que viveu e desempenhou um papel tão importante em três diferentes continentes, por onde passou como um meteoro, para terminar os seus dias nos belicosos anos da 1.ª república de que que foi uma das mais perseguidas figuras da Igreja.

1. Nasci pobre... – as raízes e a infância rural

Em 1854, a 5 de Novembro, nasceu na freguesia de Santa Marinha de Remelhe, no concelho de Barcelos, na Casa de Santiago, nuns modestos aposentos que os caseiros daquela casa subalugaram, António José de Sousa Barroso. Foi baptizado a 9 de Novembro, na igreja de Remelhe. O nascimento dá-se numa simplicidade e precaridade que recorda o do Menino de Belém.

Foram seus pais José António de Sousa Júnior, nascido na Casa de Santiago, em Remelhe (onde seus pais eram caseiros) e Eufrásia Rosa Barroso, nascida na chamada Casa do Barroso, no lugar da Torre de Moldes. José António contava já 38 anos de idade e era carpinteiro da Casa da Torre de Moldes, ao serviço de Bernardo Limpo da Fonseca, e trazia arrendado ao mesmo Senhor o cortelho da Infresta. Eufrásia Rosa Barroso (ou Eufrásia Maria de Araújo como também era designada), tinha 35 anos, fôra a última filha da abastada Casa do Barroso a casar (apesar de não ser a mais nova), e talvez para fazer frente às dificuldades de um casamento economicamente desigual, exercia o ofício de tecedeira. Aquando do casamento, realizado a 22 de Junho de 1853, na igreja de Remelhe, os então caseiros da Casa de Santiago, João José Campinho e sua mulher Maria Rosa Senra, subarrendaram aos humildes noivos umas divisórias do varandão da Casa de Santiago, para aí se acomodarem como pudessem, enquanto não arranjavam melhor poiso. Segundo fonte oral familiar (a sobrinha D. Violante de Sousa Barroso), pouco tempo José e Eufrásia terão utilizado os modestos aposentos de Santiago. Visitada por uma das irmãs, muito possivelmente a própria madrinha de António José, após o parto e vendo as condições em que se encontrava, providenciou que o Bernardo Limpo da Fonseca, rico proprietário da Casa da Torre de Moldes, lhes arrendasse as casas que

¹ D. António Barroso, *O Congo: seu passado, presente e futuro*, Conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa (7/3/1889) e no Ateneu Comercial do Porto (21/3/1889), Lisboa: Imprensa Nacional, 1889. Separata do Boletim da Sociedade de Geografia.

tinha no lugar da Torre de Moldes, chamadas de Bento Manuel², mesmo defronte à Casa do Barroso. Para aqui se viriam a mudar pouco após o nascimento de António José e aqui viria a nascer, volvidos cinco anos o segundo e último filho do casal, Manuel José, a 26 de Março de 1859. Aqui nesta casa e na condição de caseiros da Torre de Moldes se conservarão até 1872. Mas a situação da família iria melhorar. Em 1866 morre o avô materno, o velho cirurgião Joaquim Gomes Barroso, com a idade de 82 anos de idade. Sucede na Casa do Barroso, o filho José Gomes Barroso, que já viúvo e sem filhos vende por escritura de 11 de Março de 1867, com reserva a casa do Barroso e suas pertenças a uma sua sobrinha Delfina, e declara explicitamente na escritura de venda que a sobrinha fica obrigada a “*pagar a sua irmã e cunhado Euphrasia Roza e marido de legitimas a que elle vendedor é obrigado e isto em boa moeda de prata e oiro metal sonante*”³. Supõe-se que tendo recebido a sua legítima da abastada Casa do Barroso, o casal ficou em condições de comprar casa própria e algumas propriedades rurais.

A oportunidade surge ali mesmo na casa vizinha. Quase contigua à casa dos Simões, para onde casara a irmã de Eufrásia, havia uma casa torre construída por Francisca Gomes, costureira, filha natural do Capitão José Pereira da Fonseca, da Casa da Torre de Moldes. Desta foi filha uma Margarida Josefa, que por ter casado com João Joaquim Lopes da Silva, cirurgião, de quem teve apenas filhas, passou a casa a ser chamada a Casa das Cirurgioas. Em Junho de 1870 morre casada e sem geração a última descendente desta casa, Maria Joaquina, e logo seis meses depois em Dezembro desse ano, morre seu marido Joaquim José da Silva. Ficam herdeiros, a mãe dela, Teresa Maria, viúva (filha do cirurgião), moradora em Remelhe e um irmão dele, Joaquim José da Silva, morador em Pereira. Talvez por não conseguirem chegar a acordo, acabam por vender a casa em 1871. São compradores os vizinhos José António de Sousa e sua mulher Eufrásia Rosa Barroso, que compram por escritura de 24 de Dezembro de 1871, pela quantia de 500 mil reis, os seguintes prédios “*o eido e casas sito no lugar da Torre de Moldes da freguesia de Remelhe, censuário a Bernardo Limpo da Fonseca, da mesma freguesia (...) cujo eido e casas confrontão do Nascente e Poente com caminho, do Norte com Manoel Simoens, do sul com o dito Bernardo Limpo*”⁴, bem como o Campo de Quil, de lavradio e mato, com água de lima e rega nascida no mesmo campo; o Campo da Bouça e uma tomadia no monte de Remelhe.

Deste modo os pais de António José passam de lavradores caseiros a lavradores das suas terras, muito embora continuassem a fazer pelo menos o cortelho da Infresta, da família da Casa da Torre de Moldes, como se pode ver pela renovação de arrendamento que faz o Coronel Francisco António de Brito Limpo a José António de Sousa, a 15 de Outubro de 1883. Mas não seriam grandes lavradores. A confirmá-lo estão o biógrafos de D. António, como o Padre Sebastião de Oliveira Braz que os designa “*vivendo, mais que modestamente, do trabalho de uma pequena lavoura, mas primando sempre por trilhar o caminho da honradez*”⁵ ou Bertino Daciano Guimarães que os designa “*lavradores caseiros modestos*”⁶. De facto este biógrafo refere os pais de D. António como caseiros da família Vale de Vessadas, da Casa de Santiago, mas tal não corresponde à verdade, como já aludimos. Ana Joaquina Senra, na citada entrevista refere que “*Um dia o pai foi a Braga levar um carro de lenha. Ao vê-lo, disse o António aos companheiros: O meu pai foi sempre assim de umas ideias... Tem uns bois na corte*

²Trata-se da casa onde hoje por uma feliz coincidência habitam D. Otilia Barroso Castelo Grande (bisneta de José António de Sousa Júnior e sobrinha neta de D. António Barroso) e seu marido João Maciel de Brito Limpo Trigueiros (3º neto de Bernardo Limpo).

³Arquivo Particular da Casa da Torre de Moldes, Colecção de manuscritos de Bernardo Limpo da Fonseca.

⁴Ibid.

⁵ Sebastião de Oliveira Braz, *D. António José de Sousa Barroso – esboço da sua biographia*, Porto, Livraria Portuguesa Editora, 1921, p. 15

⁶ Bertino Daciano R. S. Guimarães, *D. António Barroso, homem de Acção, Português de Lei, Pessoa de Bem*, Fundação da Tertúlia de Afife, Minho, 1956, p. 9.

*e vem com estas vaquitas...” A simpática velhinha comenta: - É claro que o pai não tinha bois nenhuns, mas o rapaz não queria que os companheiros ficassem a julgá-los pobrezinhos...”*⁷

O seu primeiro mestre-escola foi seu avô Joaquim e depois seu tio José, pelo testemunho de Ana Joaquina Senra. No entanto em 18 de Novembro de 1865, com 11 anos matriculou-se na escola primária da vizinha freguesia de Góios e frequentou até 31 de Agosto de 1868 “*com muita aplicação e aproveitamento, sendo exemplar o seu comportamento*”. Tal consta de uma certidão passada pelo professor Domingos Fonseca Martins, que foi seu mestre em Góios. Tratava-se aliás de um primo de D. António (a avó do professor Martins era irmã do cirurgião Barroso, como se pode ver pelo seu processo de habilitação a ordens).⁸

Outra referência importante na vida e formação de D. António Barroso, foi o seu vizinho e senhorio de seus pais, Bernardo Limpo da Fonseca. Um dos seus biógrafos refere que em criança António José “*passou a sua infância na aldeia, a traquinar com os demais rapazes a labutar nos campos, a fazer recados, a transportar o correio de Barcelos para a Casa da Torre de Moldes. E justamente de Bernardo Limpo, um dos Senhores dessa Casa recebeu ele as primeiras luzes da língua latina (...)*”⁹. E noutras biografias refere-se o mesmo, como a do Padre Sebastião Braz que refere que “*até à idade de 16 annos (facto que a documentação não confirma), em que fez o seu exame de instrução primária, como então se lhe chamava, a vida decorreu-lhe por entre os pinheirais e campos da sua aldeia – Torre de Moldes – dividindo o seu tempo pelo trabalho da modesta lavoura paterna e umas lições de latim, que lhe dava o seu vizinho e rico proprietário, Bernardo Limpo*”¹⁰. Mas acima de tudo é o próprio D. António quem o atesta numa carta para José de Azevedo e Meneses, da Casa do Vinhal, em Famalicão, datada de 1899¹¹.

⁷ Diário do Norte. Entrevista feita a Ana Joaquina Senra pelo jornalista António Álvares da Silva a 23 de Julho de 1951.

⁸ O professor Domingos da Fonseca Martins andou de facto a estudar para padre, mas relata António Alvares da Silva, jornalista do Diário do Norte, natural de Pedra Furada, e filho do Dr. Joaquim Alvares da Silva, condiscípulo na escola de Góios de D. António. “*Do que se sabe, porém, é que o Martins, numa atitude digna que D. António sempre louvou, preferiu ser bom marido a ser mau padre – casou-se com a mulher dos seus sonhos. Para viver dedicou-se às lides de ensinar meninos e meninas, rapazes e raparigas dos sítios vizinhos a quem abria a inteligência para horizontes mais vastos. E um dos que lhe passou pela mão foi exactamente aquele endiabrado ferrabrás que havia de ser D. António Barroso – “Eu fui professor de D. António ...” diria o Martins mais tarde, como que apresentando o seu melhor diploma de habilitações.*” E continua, no artigo de 1951 “*Ainda hoje vivem homens e mulheres antigos alunos do professor Martins, com quem falamos e que lhe fazem as melhores referências. Nos seus últimos tempos dizia, todo ancho de vaidade: - “Aqui, só não aprende quem é burro: eu já fiz um Bispo e um doutor (alusão aos seus antigos alunos D. António Barroso e dr. Joaquim Álvares da Silva, da freguesia de Pedra Furada, condiscípulo e grande amigo do Bispo). Para o dr. Martins a taboada era a matéria em que mais exigente se mostrava. É o ABC das matemáticas – dizia acrescentando: Quem não sabe trabalhar os números, não sabe nada. (...) Este Martins tinha o bom ou mau costume de citar frases em latim e, por vezes, estabelecia celeuma com clérigos seus antigos companheiros. D. António e o amigo Dr. Silva seguiram-lhe a pegada. Num dia da festa de Santa Cruz, na freguesia de Góios, encontraram-se os três – Martins, D. António e o Dr. Silva. Cercado o grupo por padres e lavradores, começou o despique e, pouco depois, o Martins calou-se, enquanto que D. António e o dr. Silva se afastavam. Mais atrevido um lavrador objectou ao dr. Silva – o sr. Martins agora calou-se... - Que queres? – retorquiu o Mestre escola – Eles sabem tanto latim como o Papa !...*”

⁹ Bertino Daciano R. S. Guimarães, *op.cit.* p. 9.

¹⁰ Sebastião de Oliveira Braz, *op.cit.*, p. 15

¹¹ José de Azevedo e Meneses, *Ninharias*, Famalicão, 1911, pp.161-162: “*Quando eu era rapaz de 12 para 14 annos e estudava latim com o meu vizinho e inóvidavel homem de bem, Bernardo Limpo da Fonseca, pae do fallecido coronel de engenharia Francisco António de Brito Limpo, tenho a certeza que “li” uma composição poética referente ao Castello de Faria. A letra era a de Brito Limpo (filho) que n’essa época era tenente e residia em Lisboa. Seriam umas sete ou oito páginas, talvez em quadras. Eu sentia-me entusiasmado com a proeza da gente do castello e amaldiçoava os castelhanos. Que sumiço levou essa composição? Não sei. Devia pertencer à epocha em que Brito Limpo poetava e desenhava com grande aptidão no Collegio da Madre de Deus, em Braga. E digo que deve pertencer a essa epocha porque quando as minhas reminiscências de criança que são tenazes possam alcançar, Brito Limpo do meio da sua formatura não voltou a Remelhe senão muito tarde ahi por 72 ou 71. Esta ausência de muitos annos foi sobretudo devida à hecatombe que a tuberculose fez na sua família, levando todos os seus irmãos e a mãe. Apenas escapou elle, que estava longe, e o pae Bernardo Limpo da Fonseca. Como o actual possuidor dos*

Entre 1871 e 1872 foi aluno do professor particular, José Valério Capela, em Braga e fez exame de Português no Liceu Nacional de Braga, a 5 de Julho de 1872. Em 1872 e 1873 acha-se matriculado no Liceu Nacional de Braga, onde não tem êxito escolar, regressando a Remelhe em Julho de 1873 sem ter conseguido fazer parte dos exames.

Ana Joaquina Senra, sua amiga de infância e vizinha refere que, quando D. António saiu de Braga, do seminário, onde esteve entre 1871/1873, deu-se o seguinte episódio: “Quando o António saiu de Braga – prossegue – veio para aqui e não queria voltar a estudar. Ficou em casa do pai. O Senhor Bernardo Limpo pegou, então, a botar mão ao rapaz e a ensinar-lhe a lição. Pastoreava e aprendia. E aprendeu muito, que o Senhor Bernardo era um homem que tinha muito saber. Um dia disse ao pai que era preciso mandar o rapaz para outro sítio, porque ele já não podia ensinar-lhe mais nada. E assim é que ele foi para Cernache do Bonjardim.”¹²

2. Rico não vivi... – passos de um percurso meteórico pelos três continentes

Talvez influenciado por um primo de Góios, António Gomes Pereira (estudante em Cernache)¹³ e por seu vizinho Bernardo Limpo, decide entrar no Real Colégio das Missões de Cernache do Bonjardim. Em 1873, a 15 de Outubro, o pai concede licença para entrar no Real Colégio das Missões Ultramarinas¹⁴ e de facto a 3 de Novembro, matricula-se no Real Colégio das Missões. Em 1876, a 3 de Setembro, por uma carta dirigida a seu pai, José António de Sousa Junior, ficamos a conhecer um pouco da sua vida neste período¹⁵.

papeis de Brito Limpo os pôs à minha disposição, a propósito d'um trabalhosito que pretendo “fazer” heide aproveitar a minha primeira ocasião para os ver e certificar-me se por acaso ainda existirá o manuscrito que eu li em rapaz”

¹² *Diário do Norte*, Ibid.

¹³ António Pereira Gomes, que foi aluno distinto em Cernache e era natural de Góios, veio a falecer já diácono, tuberculoso, em Góios, em 7 de Outubro de 1878, com 24 anos de idade.

¹⁴ A 15 de Outubro de 1873 José António de Sousa vai com seu filho António José a Barcelos, ao cartório do Tabelião Azevedo e aí outorga-lhe “Licença que presta José António de Sousa, casado, a seu legítimo filho António José de Sousa Barroso, solteiro, ambos, de Remelhe”. Nesse documento declara-se que “compareceram presentes e outorgantes José António de Sousa, casado, lavrador proprietário e com elle seu legítimo filho António José de Sousa Barroso, solteiro, estudante, moradores no lugar da Torre de Moldes da freguesia de Remelhe deste Julgado, reconhecidos pelos próprios das ditas testemunhas (...) e disse o primeiro outorgante pae que tendo o segundo outorgante seu filho, manifestado por vezes desejos de seguir a vida de missionário, elle pae havia obtido que elle fosse admitido no Real Collegio das Missoens Ultramarinas; que sendo porém preciso que como pae o autorizasse a que elle se obrigasse a indemnizar o mencionado Collégio nos casos marcados nos estatutos aprovados pelo Decreto de desoito d’Agosto de mil oitocentos setenta e hum, vinha em virtude disso pela presente escriptura prestar-lhe essa authorização, declarando como realmente declarava que consenthia que elle se obrigasse por si a essa indemnização tanto pellos seus próprios bens como dos delle outhorgante pae, concedendo-lhe para isso todos os poderes em direito necessários. E por elle outhorgante filho foi dito que acceitava com agradecimento a authorização que seu pae acabava de lhe prestar.” Arquivo Distrital de Braga. Notarial de Barcelos, Livro de Notas do Tabelião Domingos Miguel de Azevedo, Licença que presta José António de Sousa, casado, a seu legítimo filho António José de Sousa Barroso, solteiro, ambos, de Remelhe, 15 de Outubro de 1873.

¹⁵ *Meu pae. Recebi a sua mui estimada carta datada do pretérito Agosto; vejo que o Pae e a Mãe e mais família, andam bem; é isto que me consola. O Pae andou talvez com trabalho para saber as cousas que me mandou dizer na última; eu não queria que houvesse trabalho, porque a mim, afinal, tanto me rendia de um modo como doutro; se o Henriques foi para o Brasil antes de 14 annos completos, está livre por natureza; o Leitão encostou-se à irmã; por aí fazem-se coisas lindas e isto he o que se chama justiça de mouro; e talvez que os mouros não saibam fazer disto; eu gosto que elle assim escapasse pella tangente. O Mattos lá ficou sem a pequena; decerto que elle hade sentir muito; mas ella morreu em boa idade, e por isso não deve ter penna. Recomendações à Madrinha Delfina, Domingos, primos e primas, um abraço à minha Mãe e mano e lance a sua bênção a este filho. António. Sernache, 3/9/1876.*

A referência à pequena do Matos, trata-se da única filha do rico proprietário vizinho, António José da Silva Matos, de seu nome Clementina, falecida a 24 de Agosto de 1876, com seis anos de cambras, e que significada o final de uma antiga família de lavradores da Torre de Moldes, dado que a mãe Florinda Rosa de Barros, que era verdadeiramente a senhora da Casa, falecera de parto em 1870. A madrinha Delfina era a mulher de José António Alves, filha da madrinha de D. António, e então senhora da casa do Barroso (que fora do avô). E o Domingos era o Domingos José Simões irmão desta e senhor da Casa do Simões (ambos primos direitos de D. António e vizinhos da casa dos pais).

O ano seguinte de 1877 fica assinalado pelo primeiro grau de acesso às ordens sacras, pois a 26 de Maio recebeu a Prima Tonsura e os quatro graus de ordens menores em Cernache do Bonjardim. No ano seguinte de 1878, a 21 de Dezembro, recebeu a ordem de subdiácono em Lisboa

Em 1879, a 7 de Junho, recebeu a ordem de diaconado, em Lisboa e a 20 de Setembro, recebeu finalmente a ordem de presbiterado, em Lisboa, das mãos de D. José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Martens, bispo de Bragança e Miranda e Superior do Colégio das Missões Ultramarinas Nesse mesmo ano, a 15 de Outubro, cantou missa nova na igreja de Remelhe, sendo pregador o seu mestre, Dr. Francisco Martins, mais tarde lente de Teologia e Letras na Universidade de Coimbra.

a) Em solo africano (1880/1895)

Inicialmente esteve indicado para as missões da Índia, tendo aprendido *concani*, mas em 1880, a 5 de Agosto, embarcou para Angola, no vapor Zaire em companhia do Bispo de Angola e Congo, o futuro cardeal D. José Sebastião Neto, e de mais seis missionários (entre eles o Pe. Henrique José Reed da Silva, futuro bispo de S. Tomás de Meliapor), com a missão de ir restaurar a antiga Missão de Salvador do Congo (sede da primeira diocese católica). A 7 de Setembro, chega a Luanda e a 2 de Outubro, é nomeado pároco encomendado de Nossa Senhora do Cabo, na ilha de Luanda, e a 12 de Outubro é nomeado professor de instrução primária da Ilha do Cabo.

Volvidos pouco mais de três meses, a 28 de Dezembro, após estar preparada a expedição missionária é nomeado Superior da Missão do Congo, lugar que ocupará até 14 de Setembro de 1888.

Em 1881, a 19 de Janeiro, recebe instruções especiais do Governador Geral de Angola ao Padre Barroso sobre as relações a criar e a manter com o rei do Congo, e no dia seguinte a canhoeira Bengo zarpa para o Congo levando o P. Barroso e mais dois missionários. A 8 de Fevereiro, parte de Noqui a pé para São Salvador (150 km), acompanhado de carregadores e dos Padre Sebastião José Pereira (mais tarde bispo) e o Pe. Joaquim de Jesus da Anunciação Folga, de dois carpinteiros (um branco e outro negro) de dois ajudantes negros e de 3 ordenanças

A chegada a S. Salvador, a 13 de Fevereiro, é recebido em festa pelo rei do Congo, D. Pedro V e pela população. Encontra ainda doze igrejas católicas e a antiga sé em ruínas, da missão anterior. A 18 de Fevereiro escreve um ofício com as primeiras impressões, enviando a 15 de Julho, um novo relatório ao Bispo de Angola, que foi o primeiro de três sobre o estado do reino do Congo.

Em 1883, a 5 de Janeiro, o Padre Barroso foi nomeado para uma comissão encarregada de apresentar um projecto de reorganização da Missão do Congo. Levantam-se casas para os missionários, capela, escola, hospital, observatório meteorológico, dependências agrícolas. A 8 de Janeiro é nomeado provisor, vigário geral e governador do Bispado de Angola e Congo (até 7 de Fevereiro). A 16 de Maio é louvado pelo Chantre da Sé de Luanda em nome do Bispo.

A 13 de Junho desse ano, ao partir para Lisboa onde vinha assumir a mitra patriarcal, D. José Sebastião Neto refere que o Padre Barroso daria um excelente bispo.

Em Outubro empreende a viagem missionária ao Bembe, que originou o segundo importante relatório sobre a expedição. Nesse ano recebe o hábito de Cristo.

Em 1884, a 13 de Maio é nomeado Cónego da Sé de Luanda e em 1885, o Cónego Barroso funda a sua primeira missão, em Madimba, recebendo um louvor por portaria do Ministério da Marinha, chefiado por Pinheiro Chagas.

Em 1886, a 12 de Janeiro, é nomeado vigário de vara ou arcipreste da circunscrição missionária do Congo. Data de 20 de Maio desse ano o importante relatório sobre os trabalhos na Missão do Congo ao Governador Geral de Angola, sendo então agraciado com a comenda de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Empreende então a viagem missionária ao Zombo, que deu origem ao terceiro relatório sobre a expedição. Estes relatórios revelam a sua perspicácia como missiólogo e como cientista. Ainda nesse ano funda a sua segunda missão, em Soyo.

Em 1888, a 13 de Setembro, recebeu licença de um ano para tratamento de saúde e descanso na terra e no dia seguinte embarca de Luanda para a Metrópole no vapor São Tomé, chegando a Lisboa a 16 de Novembro. Trazia consigo dois filhos e um sobrinho do rei do Congo. Quando chega envia um ofício ao Ministro do Ultramar sobre as missões.

Em 1889, a 7 de Março, profere a famosa conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa, a convite do seu presidente, Luciano Cordeiro. Intitulada *“O Congo, seu passado, presente e futuro”* é uma impressionante narrativa das suas viagens missionárias. Esta conferência causa sensação nos meios científicos, culturais e políticos e circulou em separata do boletim da Sociedade de Geografia. A 21 de Março, repete a mesma conferência no Ateneu Comercial do Porto, sendo apresentado pelo Prof. Bento Carqueja.

De Julho a Setembro de 1889 achamo-lo em Remelhe, sendo padrinho de varios afilhados familiares e filhos de amigos de infância¹⁶. Algumas peripécias dessa estadia ficaram registadas na memória local¹⁷. Em 1890, a 11 de Maio, morre a mãe, com 72 anos de idade, morte que muito o desgostou.

Em 1891, a 12 de Fevereiro, é apresentado pelo governo para prelado de Moçambique, sendo confirmado pela Santa Sé, a 1 de Junho, com o título de Bispo de Himéria, com 36 anos. Há muito interesse em reforçar a presença da Igreja em África após o alarido que o ultimato inglês de 10 de Janeiro de 1890 causara.

Esse ano ficaria igualmente marcado pela morte de seu pai, que a 14 de Abril, fecha os olhos na sua terra natal, com 74 anos de idade.

¹⁶ Ver a este propósito os três artigos intitulados “D. António Barroso, um homem de afectos”, de António Júlio Limpo Trigueiros, sj publicados em 2013 e 2014, nos numeros 9,10 e 11 do Boletim de D. António Barroso.

¹⁷ Um célebre episódio dá-se em Remelhe, em Julho de 1889, aquando de uma das visitas que fez à família. Julgo que a conhecida fotografia de família em que aparece com os pais, irmão, cunhada e sobrinhos a avaliar pela idade que aparentam os dois sobrinhos Firmino e António (que teriam nessa data respectivamente seis e três anos) foi tirada nessa ocasião. No dia 17 de Julho de 1889 foram baptizadas duas crianças na igreja de Remelhe. Uma era Adolfo de Sousa Barroso, sobrinho de D. António, terceiro filho de Manuel José de Sousa Barroso e de sua mulher e prima D. Angelina Gomes Barroso. A outra criança era Cândida Faria Senra, filha de Manuel José Senra e de D. Maria Gomes de Faria, da Casa da Fonte (e neta de António José Senra, padrinho de baptismo do próprio D. António). Serviram de padrinhos de Adolfo, o próprio tio Padre António José de Sousa Barroso, de Cândida o paróco de Remelhe, Padre Francisco José da Costa, vulgarmente chamado o “Padre Rabicho”. Para poderem ser padrinhos os dois eclesiásticos era necessário que cada criança fosse baptizada pelo que não servia de padrinho e assim aconteceu. Ora o D. António que era muito brincalhão quis então fazer uma partida ao Padre Rabicho. Quem nos conta esse episódio é D. Ana Joaquina Senra, nascida na Casa da Fonte e casada na Casa de Santiago, onde faleceu, quase centenária, que foi aliás madrinha das duas crianças, na entrevista que deu em 1951 ao *Diário do Norte* sobre D. António Barroso. “ *Um dia, o Padre António estava com o meu irmão em nossa casa – Em aparte – Ele era sempre um mangador ... Sabe ? Apareceu um gato na varanda e disse o Padre António: - que grande gato que ali está: valia por um coelho e come-se tão bem como se fosse um coelho. – Se quiser... disse o meu irmão. – Pronto, é já disse o Padre António. – O meu irmão foi dentro de casa, trouxe uma arma e, zás, matou o gato, que caiu redondo. Eu arranjei-o como se fosse um coelho, e, no dia seguinte, o Padre António, no fim da missa, cozinhou-o e foi servido num jantar onde ele quis que estivessem outros padres e o abade da freguesia, o “Padre Rabicho”, como lhe chamavam cá. Deixando aflorar um sorriso malicioso: Sabe? Todos comeram do gato e todos acharam que era muito bom o coelho. No fim, quando D. António disse a maroteira que tinha feito, é que todos eles ficaram muito zangados e queriam vomitar. Mas tudo passou em risota, que eles bem sabiam que ele era muito brincalhão.*”

A 5 de Julho é ordenado bispo, na Sé Patriarcal de Lisboa, pelo cardeal D. José Sebastião Neto e a 21 de Julho toma posse da prelazia de Moçambique, e a 8 de Agosto, ministra o crisma na igreja de Remelhe a 2000 pessoas e no dia imediato ordenou presbíteros na capela de Santiago de Moldes.¹⁸

Em 1892, a 21 de Fevereiro, embarca finalmente para Moçambique, onde chega a 20 de Março, com um pequeno grupo de missionários. A situação eclesial era precária. Havia em toda a colónia o escasso numero de 21 padres, na sua maioria indianos.

Realiza em Moçambique quatro grandes viagens pastorais: Em 1892, a primeira viagem, a Manica e Gaza, onde funda a missão de Lhanguene. Em 1893, a 27 de Setembro, a segunda, uma viagem apostólica ao Niassa. Nesse ano fundou o Instituto Rainha D. Amélia, de Lourenço Marques, para a educação de crianças de origem europeia que entrega às Irmãs de S. José de Cluny. Funda várias missões católicas: Mangoé, Anjos, Chipanga. Em 1894, a 12 de Junho, a terceira, uma viagem apostólica à Zambézia. Escreve neste ano um relatório dirigido ao Ministério Ultramar sobre o padroado português em África, fazendo uma história da vida missionária em África, apresentando soluções para os problemas de degradação missionária. Em 14 de Novembro desse ano, embarca para a Índia para participar no Concílio Provincial de Goa, circunscrição eclesiástica a que a Prelazia de Moçambique pertencia. Aqui participa activamente e a 16 de Fevereiro do ano seguinte deixa a Índia e a 13 de Março aporta em Moçambique. Fundou então o Instituto Leão XIII, na Cabeceira Grande, para educação gratuita de meninas africanas pobres, que entrega igualmente às irmãs de S. José de Cluny. Em 1895, a quarta viagem apostólica, dirige-se à Matibana, de onde regressa anémico e doente. A 23 de Setembro, por imposição médica, embarca para Portugal. Estava assim terminada a estadia de três anos e meio em Moçambique, que tanto fruto deu.

Em Portugal, apesar do débil estado geral em que se achava, pronuncia na Universidade de Coimbra uma oração de louvor pela vitória dos portugueses em África e pela prisão de Gungunhana, por Mouzinho de Albuquerque.

b) Em solo indiano (1897/1899)

Em 1897, a 2 de Agosto, é nomeado bispo de S. Tomé de Meliapor, confirmado pela Santa Sé em consistório de 15 de Setembro, por resignação de D. Henrique José Reed da Silva.

Em 1898, nos primeiros dias de Fevereiro parte para Roma a caminho da Índia, onde se encontra com o Papa Leão XIII para procurar encontrar soluções para a dupla jurisdição dos territórios do Padroado. A 28 de abril, na cidade eterna, preside a uma reunião, para promover a fundação do Pontifício Colégio Português (entre os participantes acham-se os Viscondes de S. João da Pesqueira, grandes benfeitores do Colégio), e a 6 de Maio foi assinada a acta de fundação do Colégio.

¹⁸ À família da Casa da Torre de Moldes está ligado outro episódio muito edificante e significativo da humildade do santo bispo, que deve datar deste período. Na sua infância muito passada na vizinha Casa da Torre de Moldes, onde recebeu lições de latim de Bernardo Limpo da Fonseca, uma referência foi a nora do seu mestre D. Adelaide Augusta da Costa Brandão, mulher do Coronel Francisco António de Brito Limpo. Após muitos anos por Coimbra e Lisboa, o Coronel vem com a mulher e uma primeira filha, entretanto nascida viver para a companhia do pai, Bernardo Limpo da Fonseca, a 20 de Agosto de 1871. D. Adelaide Brandão era natural da vila da Mealhada e teve ainda oportunidade de conviver com António José, nos difíceis anos de abandono do Seminário. O que é certo é que o biógrafo Daciano Guimarães relata este edificante episódio: “Uma vez, ao regressar da África, a Câmara Municipal de Barcelos promoveu-lhe aparatosa recepção. Das pessoas que se acumulavam no Salão Nobre dos Paços do Concelho, muitas se ajoelharam, à entrada do santo apóstolo do Bem, e, entre essas pessoas a Senhora Dona Adelaide da Costa Brandão Brito Limpo, a quem já atrás me referi. Pois D. António, avistando-a, reconhecendo-a, logo interrompeu a cerimónia, aproximou-se dela, fê-la erguer-se e exclamou: “Então V^ª Ex^ª, que tantas vezes me matou a fome, ajoelhada diante de mim?! Deixe-me antes dar-lhe um abraço” Cf. Bertino Daciano R.S. Guimarães, *D. António Barroso*, p. 25

A 12 de Junho, chega finalmente a Meliapor e inicia, em terreno indiano, a sua acção pastoral. Realiza visitas pastorais a quatorze igrejas do Maduré, ao vale do Ganges e outras missões. Reforma o regulamento do seminário diocesano, funda escolas e um novo convento de franciscanas, consegue apaziguar os conflitos de jurisdição do bispado de Triquinópolis, com um acordo.

Oito meses depois de estar na Índia é proposto para bispo do Porto, por morte do cardeal D. Américo Ferreira dos Santos e Silva, e em 1899, a 21 de Fevereiro, é nomeado por decreto, bispo do Porto (confirmado em consistório de 20 de Maio). A 5 de Julho, regressa a Portugal e celebra em Roma, o oitavo aniversário da sua ordenação episcopal, após ter-se encontrado com Leão XIII para ultimar os acordos de jurisdição. Regressa de comboio, parando em Lourdes, entrando a 15 de Julho em Vilar Formoso.

c) Em solo lusitano (1899/1918)

Logo a 27 de Julho de 1899, D. António Barroso, publica a sua *Pastoral de Saudação* onde afirma “ *ser vigia sempre alerta, sentinela sempre atenta, pai sempre extremoso, médico espiritual sempre atento, e bispo sempre pronto a atender, de portas abertas todos aqueles que forem portadores de diversos males ou de quaisquer necessidades*”¹⁹.

A 2 de Agosto de 1899 entra, solenemente, na diocese do Porto e inicia a sua corajosa e fecunda acção apostólica.

Em 1901, a 23 de Abril, vai a Lisboa, entregar ao rei D. Carlos uma carta colectiva do episcopado, onde se expõe claramente a doutrina da Igreja sobre as congregações religiosas, como reacção ao polémico caso Calmon, da filha do consul do Brasil que tem de fugir aos pais para entrar na vida religiosa e que fez vir ao de cima a polémica congreganista, com o decreto de 18 de Abril de 1901.

Relativamente à vastidão de temas que se ocupam as suas pastorais, deles se percebe que procura conhecer a realidade da diocese, que dá prioridade pastoral à instrução religiosa, que procura intervir em questões sociais tais como a assistência aos tuberculosos, as calamidades que assolam o país, a 1ª guerra, a agricultura, e a situação dos pobres em geral, defendendo sempre o papel da Igreja na Sociedade e na transformação social

Após o advento da República de 5 de Outubro, a 24 de Dezembro desse ano, é dada à luz a Pastoral colectiva, assinada por treze bispos, em defesa dos direitos da Igreja Católica, que se destinava a ser lida pelos párocos na missa. O documento de modo sereno condena com firmeza os agravos das novas leis civis e a forma autoritária como o novo regime ataca os princípios e as instituições da religião católica. O governo teve notícia do documento proibiu a sua leitura.

D. António não aceitou a decisão e em 1911, a 2 de Março, assina uma carta encorajando a leitura da Pastoral Colectiva e defendendo a comunicação directa com os fieis. Logo a 7 de Março, é chamado a Lisboa por Afonso Costa, para ser interrogado pelo Procurador Geral da República, a respeito das posições defendidas na Pastoral e é destituído das suas funções de bispo e governador da diocese e proibido de entrar em qualquer ponto da sua diocese. Depois de uma noite no quartel general é enviado para o Colégio de Cernache e daí passará à sua casa de Remelhe.

É o primeiro desterro, em Remelhe sua terra natal. Aqui ministra na pequena e modesta Capela de Santiago, entre 1911 e 1914, dezassete ordenações gerais: prima tonsura e ordens menores a 55 seminaristas, 52 subdiaconos, 65 diaconos e 64 presbíteros.

¹⁹ D. António Barroso, *Carta pastoral saudando e exortando os seus diocesanos* (27/7/1899), Porto: Typ. Catholica, 1899, 12 pp.

Em 1913, a 16 de Maio, faz o elogio fúnebre de D. Manuel Baptista da Cunha, arcebispo de Braga, na igreja matriz de Vila do Conde. A 12 de Junho desse ano, é julgado no tribunal de S. João Novo, por lhe terem movido um processo-crime, em virtude de ter aparecido em Custóias (dentro dos limites geográficos da diocese do Porto) para servir de padrinho a um filho do Dr. Sebastião Pestana de Vasconcelos, para representar o Papa Pio X. Absolvido, é mandado sair do país.

Em 1914, a 22 de Fevereiro, uma amnistia decretada pelo governo permite o seu regresso à diocese do Porto A 4 de Abril, reassume, solenemente as suas funções episcopais, com *Te Deum* e várias manifestações de regozijo.

3. E pobre quero morrer – os últimos anos

Em 1916, após ter celebrado festivamente, a 5 de Julho, o seu jubileu episcopal, sente-se doente. A 1 de Agosto desse ano baptiza em Remelhe a primeira sobrinha neta, Adozinda do Carmo Pinheiro Barroso, filha do Professor António de Sousa Barroso. Nesse ano foi-lhe retirado o Paço para ser destinado à Câmara do Porto e passa a viver em Sacais.

Em 1917, a 19 de Fevereiro, sentindo o fim aproximar-se faz D. António o seu testamento.

Mas ainda lhe estava reservado um segundo exílio. A 7 de Agosto desse ano, em consequência do caso das três religiosas de Vila Boa de Quires, é-lhe decretado o segundo exílio, por dois anos, fora da diocese e dos distritos limítrofes. Dera licença a três senhoras de uma associação religiosa para viverem juntas em Vila Boa de Quires e exercer o culto católico nessa residência. Deixa o Paço de Sacais e vai viver para Coimbra para o Hotel Avenida até 20 de Dezembro.

Mas a 9 de Dezembro, um decreto da Junta Revolucionária assinado por Sidónio Pais anula o castigo anterior e permite que regresse à diocese. A 20 de Dezembro, regressa secretamente à diocese, evitando qualquer manifestação de entusiasmo.

Todos estes factos mostram bem o clima de combate dos últimos 8 anos da sua vida e a lição de coragem destemida de firmeza inabalável e serviço à causa da Igreja. Maltratado pelos governos, mostrou sempre um entranhado amor à pátria que muito bem transparece nos numerosos escritos pastorais.

Em 1918, a 5 de Julho, na celebração de mais um aniversário de ordenação episcopal, a saúde vai-o deixando. A 28 de Agosto, recebe os últimos sacramentos, ministrados pelo cônego José Alves Correia da Silva, e a 31 de Agosto, morre no Paço Episcopal de Sacais, no Porto, às duas menos um quarto, rodeado de familiares e amigos.

A 3 de Setembro celebram-se solenes exéquias na Sé Catedral do Porto e a 5 de Setembro é sepultado no cemitério paroquial de Remelhe, no jazigo que mandara erigir em 1899, onde estavam seus pais e onde foram esculpidas as suas armas episcopais. O seu corpo foi depois trasladado para a capela jazigo construída em 1931, por subscrição pública. Celebrara-se nesse ano de 1931, de 31 de Agosto a 6 de Setembro, o 1º Congresso Missionário, em Barcelos, sendo inaugurado o monumento junto à Câmara Municipal. Em 1954, de 4 a 7 de Novembro, realiza-se o 2º Congresso Missionário em Barcelos para celebrar o 1º centenário do nascimento. O seu processo de beatificação foi aberto em 1993.

Foi este em linhas gerais o percurso vital de D. António Barroso. Como um meteoro atravessou os últimos anos da monarquia e os alvares da República. Em três diferentes continentes exerceu a sua empenhada acção missionária. Por onde passava nada ficava igual. A sua simplicidade e a sua bondade, aliadas a uma forte convicção e a uma corajosa intervenção pastoral e social, acompanharam-no em todo esse percurso. No seu testamento de 1917, D. António Barroso dissera: *“nasci pobre, rico não vivi, e pobre quero morrer”*.

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Amadeu Gomes (coord.), *Estudos sobre D. António Barroso*, vol. I, Barcelos, 2007.

ARAÚJO, Amadeu Gomes de, e AZEVEDO, Carlos Moreira de, *Réu da República – O Missionário António Barroso, Bispo do Porto*, Lisboa, Ed. Aletheia, 2009.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira, Escritos pastorais do bispo do Porto, D. António Barroso (1899-1918). *Humanística e Teologia*. 16 (1995) 227-70.

BARBOSA, José Martins, *Um Grande Português, Um Grande Missionário, Um Grande Santo*, Braga, 1955.

BRAZ, Sebastião de Oliveira, *D. António José de Sousa Barroso – esboço da sua biographia*, Porto, Livraria Portuguesa Editora, 1921.

BRÁSIO, António, *D. António Barroso, Missionário, Cientista, Missiólogo*, Centro de Estudos Ultramarinos, Lisboa, 1961.

GUIMARÃES, Bertino Daciano R. S., *D. António Barroso, homem de Acção, Português de Lei, Pessoa de Bem*, Fundação da Tertúlia de Afife, Minho, 1956.

MACEDO, José Adílio Barbosa, *D. António Barroso e a Primeira República*, Barcelos, 2000.

MACEDO, José Adílio Barbosa, *D. António Barroso nasceu há 150 anos*, Remelhe, 2004.

MACEDO, José Adílio Barbosa, *D. António Barroso fala nos seus monumentos*, Remelhe, 2011.

MARQUES, João Francisco, *Arciprestado de Barcelos na Evangelização do além-Mar Português*, Braga, Comissão Diocesana dos 5 Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas, 1995.

PINTO, António Ferreira, *D. António Barroso*, Porto, 1931.

TRIGUEIROS, António Júlio Limpo, “ Sacerdotes, religiosos e missionários remelhenses”, in *D. António Barroso- Memórias de um bispo missionário*, (coord. de Amadeu Gomes de Araújo), Barcelos, 2012.

TRIGUEIROS, António Júlio Limpo, “D. António Barroso e as suas raízes Remelhenses”, in *Estudos sobre D. António Barroso*, vol. I (coord. de Amadeu Gomes de Araújo), Barcelos, 2007.